

## 1232 Noite Quente

RUBEM BRAGA

— PEGA ladrão!

Houve uma correria no meio do bôlo de gente que ia tomar trem na Central, uns corriam para o trem, outros para o ladrão e naquele bafafá — «roubaram minha bolsa!» — gritou uma senhora, vítima certamente de um segundo ladrão. Afastei-me, fiquei encostado a uma banca de jornais, suado, mas sentindo alívio em pensar que saíra do meio do povo que ia tomar trem. Considerei o aspecto dos que passavam: era gente feia ou quase feia, humanidade medíocre, maltratada pela vida, belezas estragadas, saúdes precárias, ar de necessidade, penúrias, carências, problemas. Senti-me, homem de Ipanema, extraviado ali, um privilegiado de certo modo criminoso, envergonhado de minha vida folgazã («o Braga tem um temperamento folgazão», disse uma vez o Armando d'Almeida).

Na verdade tenho um fundo rústico, ainda que não seja forte: naturalmente não gosto de sofrer, e com a idade me acostumei a um certo conforto — como reagiria se daquele minuto em diante, daquela noite quente em diante, tivesse de morar num subúrbio, vindo todo dia ao centro dar duro em um escritório? Enquanto procurava um táxi fora da estação, eu considerava que isso ia ser por demais triste. Para ser pobre então era melhor ir morar numa prainha do Espírito Santo ou do Estado do Rio, viver vagamente de pescar camarões, um ou outro expediente, vigia de casa de veranista, ou mesmo plantar mandioca, fazer balaços, vender passarinhos... Sim, mas se eu tivesse, como tanto suburbano tem, filha mocinha e filho em idade de estudar, e ainda tivesse de agüentar, vamos dizer, dois sobrinhos, onde arranjaría coragem para sair de minha casinha suburbana de aluguel antigo? Com certeza eu me submeteria ao rebanho, seria um dócil elemento dessa parte da população que vive no apêto para a outra parte folgar, e na minha idade com certeza nem seria mais comunista, seria de preferência espírita, acho que nem isso.

Pensando essas coisas fui ficando com uma grande pena de mim, ou melhor, do meu povo — esse povo feio que ali passava, avançando para a estação, enquanto eu procurava inutilmente um táxi. Andei para um lado e outro sem resultado, todo táxi que via estava fazendo lotação para a Zona Norte; eu estava cansado, senti sede e fome, tinha um sujeito com um carrinho vendendo laranjas descascadas, chupeí duas.

Foi então que pensei que talvez a solenidade na Rádio Ministério da Educação ainda não tivesse acabado, voltei lentamente até lá, tive sorte, encontrei Manuel Bandeira, que estava conversando com um senhor que não reconheci logo, era Eurico Nogueira França, os dois em pé, na calçada junto ao portão. Um carro iria levá-los, tinha lugar para mim, esperei, peguei minha carona feliz, a cicatriz de minha operação estava incomodando um pouco. Lembro-me da conversa dos dois, sobre o centenário do nascimento de Ernesto Nazareth, que Bandeira muitas vezes viu tocando piano na sala de espera de um cinema. Depois falaram da bossa nova, os dois entendidos de música, eu calado como convém. Depois Eurico Nogueira França saltou e ficamos sós, o grande poeta e eu, falamos acho que de mulheres, acho que de mulheres alemãs, acho que falamos bem, e assim chegamos a Copacabana, naquela noite quente, os dois velhos, o grande poeta e eu, o suburbano eu, falando de mulheres — de mulheres de antigamente, como convém.

saudoso/

DN - 17.12.66

205